

A SEMANA

DIRECTOR: VALENTIM MAGALHÃES

Redactor-gerente, MAX FLEIUSS.

Escriptorio, rua dos Ourives n. 71, 2º andar.

Secretario da redacção, H. DE MAGALHÃES

SABBADO, 2 DE DEZEMBRO DE 1893

EXPEDIENTE:

Assinatura annual.	12\$000
" semestral	7\$000
Numero avulso.	\$200
" atrasado	\$300

As assinaturas terminam sempre em junho e dezembro

SUMMARY.—Historia dos sete dias.—*Julio Valmar*; O Governo e a Imprensa: A Violeta, poesia.—*Gonçalves Dias*; Cartas Abertas.—*Valentim Magalhães*; Lyrica, poesia.—*Paria Neves*; Gazetilha litteraria; Botanica Amorosa.—*Garcia Retondo*; Ferro em brasa, soneto.—*V. M.*; Notas Scientificas.—*S. Schöck*; O soneto de Molière (original e traducções); Paginas lidas.—*Pacido Junior*; Factos e Noticias; Chronica do sport.—*J. Herby*; Archivo.

Historia dos sete dias

Bem se vê que estamos em epoca anormal. Só assim se explica que a esta arena incruenta onde usam terçar armas em prol da Arte Immaculada os mais enforçados campeadores, na maxima pujança da juventude e do talento, seja chamado um simples soldado da reserva que, ainda quando servia na activa, nunca pillitou na fileira, contentando-se com fazer alguma guarda á entrada do templo onde se venera a Vestal Sagrada.

Pois é verdade. Ah! têm os senhores a quem o José do Egypto, emquanto reza o organismo combatido pelo ardor da refrega litteraria, encarregou de puxar os cordelinhos da camara optica que tem de fazer passar por diante dos olhos dos leitores os acontecimentos dos ultimos sete dias.

O peor é que não basta que se vá mostrando o cyclorama, é preciso possuir a arte de fazer avultar os successos pelo seu lado pittoresco, saber extrahir das cousas a essencia do riso muito mais difficil de distillar que o substractum das lagrimas, que segundo meu mestre Virgilio reside no amago das cousas.

Vão dizer-me que em tempo de calamidades a chronica está dispensada de fazer desabrochar nos labios de quem quer que seja a fina flor do sorriso, que não é planta que se regue com sangue.

Puro engano. Os povos a quem a natureza fadou com o mago condão da alegria encontram no riso um arnez de rijta tempera contra as desolações que os amoberbam. A musa galhofeira de Offenback não se calou um só instante diante dos canhões prussianos. Refere Sarcey que durante o cerco de Paris um negociante de vinhos em Auteuil, observando que as granadas mostravam decidida predilecção pelo seu estabelecimento, apressou-se... imaginem a que? Enclmal-o com a seguinte taboleta: "AU RENDEZ VOUS DES OBUS."

Ahi têm os senhores um maganão que na contingencia de perder a vida a cada momento, não quiz perder, no entretanto, a occasião de fazer um bom dito.

Já no tempo do velho Horacio era cousa corrente que a faccacia melhor do que a colera alcança dar corte nas grandes questões.

".....Ridiculum acri Fortius et melius magnas perumque secat res."

Infelizmente, porém, nós somos um povo de tristes para quem são indifferentes as alegrias da natureza, podendo cada um exclamar com o poeta:

"E quando a luz do sol o mundo alegra
Chrysalida nocturna a sós comigo
Abraço a minha dôr."

Mas o publico exige ainda, além, da graça, que se lhe forneça uma opinião sobre cada uma das cousas que possam interessar-lhe.

Ora, ainda quando a imprensa não estivesse n'esta occasião experimentando aquella suave pressão que deve sentir nos primeiros momentos o ditoso vivente submettido ao doce influxo de uma machina pneumatica, o chronista nunca poderia ministrar a ninguém uma opinião, pela simples razão de que jamais n'esta viagem da vida, que tanto tem de lugubre como de patusca, sobre-carregou a sua bagagem com o pezado fardo de juizos definitivos sobre o que quer que fosse.

Conhecem o apologo do escudo de ouro e de prata?

Eu lh'o conto.

No tempo da cavallaria andante, dois cavalleiros, completamente armados vindo de partes oppostas encontraram-se n'uma encruzilhada em cujo vertice se via erecta uma estatua da Victoria, empunhando em uma das mãos uma lança e sustentando na outra um escudo de duas faces, uma de ouro outra de prata. Como tivessem estacado cada um de seu lado, exclamaram ao mesmo tempo: "Que rico escudo de ouro."—"Que rico escudo de prata."—"Como de prata, não vê que é de ouro?"—"Como de ouro, não vê que é de prata?"—"Parece que é cego."—"Parece que não tem olhos."—Palavra puxa palavra, eil-os que arremettem um contra o outro em combate singular, até cahirem gravemente feridos. N'isto passa um derviche, que, depois de pensal-os com toda a humanidade, tratou de inquirir o motivo da contenda. "E' que aqui o cavalleiro affirma que aquelle escudo é de ouro."—"E' o cavalleiro que sustenta que aquelle escudo é de prata."

"Pois meus irmãos, observou o derviche, ambos tendes razão e nenhum a tendes. Todo este sangue se teria poupado se cada um de vós se tivesse dado o incommodo de passar um momento ao lado opposto.

D'ora em diante nunca mais entreis em pendencia, sem haverdes considera-

do previamente todas as faces da questão."

Como quer que o chronista tivesse lido esta fabula em creança e lhe houvesse ella calado profundamente no espirito nunca mais deixou de pensar em qualquer controversia, ao tomar calor por uma das partes, se não estará contemplando o escudo por um lado sómente.

E demais, é preciso estar sempre precavido contra o egoismo dos nossos julgamentos. Nunca me ha de esquecer aquillo de Pope:

"Tis with our judgments, as our watches, none Go just alike, yet each believes his own."

Dá-se com as nossas opiniões o que se dá com os nossos relógios; não andam certos uns pelos outros, no entretanto cada qual acredita que é o seu que regula melhor.

Donde se infere a seguinte consequencia que não lembrou ao autor do "An Essay on criticism." E' por isso que em geral regulamos as nossas opiniões como os nossos relógios, de accordo com as proprias conveniencias.

Eu sei perfeitamente bem que, tratando-se de fixar os limites do tempo, é no sol que reside a verdade inteira, mas não me importo absolutamente de ter o meu relógio certo pelo sol, o que eu pretendo é que elle não discrepe sensivelmente da pendula da minha repartição ou da do estabelecimento onde trabalho, afim de não perder a hora do ponto ou me não arriscar a apanhar uma reprimenda do patrão.

Além de que não me parece que a humanidade tenha muito que lucrar com a opinião dos litteratos e dos philosophos. E' gente que não vê as cousas como toda a gente vê. Por isso sempre me pareceu que todo o homem de espirito se deve fazer acompanhar constantemente de um imbecil, de modo a estabelecerem os dois entre si um certo nivel de mediocridade intellectual indispensavel á comprehensão das cousas da vida. O presbytismo de um compensa o a miopia do outro e as cousas retomam então aos olhos de ambos as suas devidas proporções.

Aos olhos da chronica não ha, portanto, opiniões, o que ha simplesmente são pontos de vista.

Já repararam como a linguagem humana favorece, á maravilha, certas subtilezas do espirito, dando a seres de natureza semelhante denominações diversas, segundo é attrahente ou execravel o aspecto sob que se nos apresentam? Tal ave que, ao levantar-se nos ares é condor, ao cair sobre a presa é já abutre: tal outra que, ao erguer o voo é falcão ao abater-se é já milhafre, e para que fallemos dos homens, poucos se elevam sendo heroes que se não precipitam sendo tyranos.

Mas então o que nos offerece a chronica, exclamarão os leitores. Prometto

sinceramente pensar na resposta para a proxima semana, se n'este jogo da berlinda em que me metteram não apparecer d'aquell' até lá algum esperto que se lembre de vir dizer: o Julio Valmor está na berlinda porque teve artes de alinhavar não sei quantas tiras sem dizer cousa nenhuma. E que eu então lhe replique como no jogo: Venha esse que disse que eu fallo muito e não digo nada, sempre quero ver como elle se sae.

Ha dias Alfredo Riancho em uma das suas bellas cartas á GAZETA, affirmava que, para extrahir uma porção minima de ouro é necessario quebrar uma enorme quantidade de pedras brutas. Si o leitor, vencida a resistencia destes calhões que constituem o meu estylo, conseguir apurar uma parcella insignificante da cauta philosophia do silencio, em uma epoca em que o silencio é de ouro, dar-me-ei por muito feliz.

JULIO VALMOR.

O Governo e a Imprensa

Por ordem do Governo, transmittida por um delegado de policia, foi suspensa a publicação da GAZETA DE NOTICIAS no dia 27 do mez transacto. Deu causa, ao que parece, a essa medida de extremo rigor o editorial "Cousas Politicas" publicado naquello dia.

Os excellentes artigos, que de longa data escrevia o illustre redactor-chefe daquella folha foram por elle reatados, após uma interrupção de alguns annos, que passou na Europa, agora, depois da decretação do penultimo estado de sitio e das medidas repressivas da liberdade de Imprensa.

Assim procedendo quiz, de certo, o nosso eminente collega demonstrar, com o exemplo, que, se nesta phase angustiosa e difficillima de nossa vida politica, cumpre a todos os cidadãos que nella intervêm, directa ou indirectamente, manifestar-se, de accordo com as suas convicções e a natureza das funcções que exercem, desse dever não podiam ser excluidos os jornalistas; que, cumprindo-lhes orientar a opinião publica com lealdade e desinteresse, não devem calar-se senão quando impedidos pela força.

Não é sómente com as armas que se serve a patria. Se o soldado a serve com o fusil e a espada, serve-a o jornalista com a penna, e não o faz menos nobre nem menos efficaçmente.

Este, como aquelle, não deve desertar o seu posto, nem abandonar a sua missão.

Se, porventura, o Governo entende necessario ao bem publico cercar os direitos da imprensa, pelar-lhe ou suspender-lhe o exercicio, que o faça: delle sómente será a responsabilidade desse attentado, justificavel ou não pela gravidade e delicadesa das circumstancias.

O governo póde coagir os jornalistas; estes, porém, é que não devem considerar-se coactos, mas, ao contrario, manejar a penna ao mando de sua consciencia, até ao ultimo artigo, como o soldado a sua carabina até ao ultimo tiro.

Foi o que fez o nosso presado mestre. Honra lhe seja pelo bello e nobre exemplo que deu—o qual não foi, aliás, o primeiro—da comprehensão justa e elevada que tem dos direitos e dos deveres da imprensa independente e popular.

Periodico obscuro e pequenino, A SEMANA préza esses direitos e honra esses

deveres, como qualquer de sens mais poderosos collegas; por isso e tambem pelo facto de ser o seu humilde director um filho espiritual daquella folha, tem prazer e orgulho em acompanhalla com as mais vivas mostras de confraternidade neste momento, tão amargo quanto glorioso, de sua luminosa carreira.

Se o Sr. marechal vice-presidente faz bem ou faz mal em querer governar sem a imprensa—o futuro o dirá.

A VIOLETA

(INEDITA)

Mulheres ha que, á rosa semelhantes
Das suas louçanias fazem gala;
São gentis! ellas proprias o conhecem
E sabem que outra flor não as iguala.

Outras como a açucena campesina
Menos vaidosas são; porém mais bellas,
Da brisa ao sopro, entregam-se innocentes,
Que vem dos céos a conversar com ellas.

Aquella na garbosa formosura,
Nos espinhos, que a cercão, se confia,
Esta, armada de candida innocencia,
Evita o sol estivo e a noite fria.

Tu, que a modesta violeta imitas,
T'escundes no reparo da folhagem,
No abrigo do pudor mysterioso,
Que teme o sol e o bafejar da aragem.

Aquella no perfume se revela,
Tu, nas singelas graças, que revestes;
E, flores ambas, — sem as ver, sentimos
O aroma puro dos jardins celestes.

A. GONÇALVES DIAS.

CARTAS ABERTAS

I

Meu caro Garcia Redondo.

Visto que, pela força incoercivel do estado de sitio, em que vivemos ha quasi tres mezes, o sigillo da correspondencia não é respeitado, sendo abertas officialmente quantas cartas ao governo omnipoteroso apraz, melhor é, de certo, escrever a gente aos amigos cartas abertas, escancaradas ao governo e ao publico.

Mas não é só por esse motivo que lhe vou escrever de tal fórma, senão tambem porque desejo que sejam lidos e sabidos de quantos lêem A SEMANA os meus agradecimentos pelos serviços que lhe vae prestando V.; serviços magnificos, sobre variados: — collaboração de primeira agua, prósa de mestre, sem jaça e facetada a primor, como essa "Botanica Amorosa" com que nos tem regalado e que A SEMANA editaria n'uma edição "Nelumbo," do Guillaume, se no Brasil tal não fosse um sonho inatingivel; assignaturas, angariadas entre amigos e logo pagas—o ideal!—e, ainda, um autographo, inédito e precioso, do nosso Gonçalves Crespo—o inédito para a folha, o autographo para mim! Um nababo, Você!

V. está-nos estragando a ambos com tantos mimos, e oxalá não venha a arrepende-se delles, mais tarde, ante as exigencias inadmissiveis das crianças que vae tão mal acostumando...

Criança, cu! a beirar os trinta e cinco com doze annos, de bacharelado e pae de um rapazote de outros tantos! "Tenho um filho de quatorze annos. Como estou velho!" escreveu-me V. ha dias, n'um gemido.

Envelhecemos, sim. Já não somos desta geração litteraria... Eu, sinto-me exhausto, senil, acabado, "prompto."

Na idade em que na Europa se principia de escrever, aqui se acaba. Entre nós, um homem de quarenta annos deu o que tinha a dar, e, se não deu nada, nisso fica; d'ali só para baixo; é o declinio, a decadencia, a velhice.

Em França, na Inglaterra, na Russia, os homens de quarenta annos são a nova geração, os "jovens."

Dos quinhentos deputados de que se compõe a camara franceza, recentemente eleita, o mais moço é um tal Olivier Bascou, o feliz concorrente e vencedor de Cassagnac, e tem vinte e oito annos; — "o mais moço," note.

E' rarissimo que com menos de trinta e cinco ou quarenta annos se adquira lá a celebridade pelas sciencias, pelas letras ou pelas artes.

Aqui a vida é intensiva, muito mais rapida, e por isso muito mais curta. Se é a politica a carreira a seguir, o que, dantes, era indicado pelo facto de ter pae alcaide ou padrinho manda-chuva, e hoje só depende do capricho do acaso — aos 16 annos incompletos matricula-se o menino, aos 20 sahe da academia de canudo a tiracollo, é logo em seguida eleito deputado estadual, dois annos depois deputado federal, muitas vezes antes dos trinta é ministro; aos trinta e cinco é senador e... defunto.

Era e é o que se chama uma brilhante carreira!

Mais rapida ainda que a dos politicos a vida dos litteratos. Todos elles, todos, têm morrido moços. Aos vinte annos são proclamados genios e aos trinta e cinco ou quarenta estão enterrados — ou num cemiterio, "pour de bon," ou numa secretaria, a rascunhar officios.

Um dia destes, ouvi de minha filhinha, que tem quatro annos, um dito ingenuo, todo de ignorancia, mas profundo.

V. que é pae, meu caro Redondo, quantas vezes não terá, como eu, repetido os versos do velho mestre Hugo, no seu encantador poema da "Arte de ser avô":

"Le néant des géants m'importune,
"J'admire, obbloui, la grandeur des petits!"

e não tem, como elle, buscado, em vão, sondar a profundeza de verdade que ha em certas phrases e observações infantis?!

Apezar da idolatria que tenho aos meus filhos, não sou um pae como tantos outros, que acham prodigiosos de talento, penetração e habilidade os seus respectivos pimpolhos. Felizmente, nenhum dos meus é prodigio. Vou me convencendo que o talento, o verdadeiro, é, quasi tanto como o genio — uma névrose, e desejo sadios e fortes os meus filhos.

Mas lá ia eu digredindo...

Ha dias acharam elles na chacara de suburbio em que nos acolheu a hospitalidade fidalga de um velho amigo, emquanto as granadas e as balas da esquadra revoltada esfusiam e estouram por cima e por volta de nossa casa, acharam elles dois passaritos, junto ao tronco de uma arvore, cahidos de algum ninho naturalmente.

Eram dois filhotes de bicudo, ao que pareciam. Recolheram-os com grande surpresa e alarido festivo e entraram logo a cogitar nos meios de substituir os carinhos maternos, para salvar-lhes as vidas, futuramente canóras.

Deram-lhes agua, papinhas, frouxei de algodão, todo o necessario... par matal-os mais depressa.

Na manhã seguinte, a minha pequena, apenas acordou, correu para o irmão dos orphãosinhos, chamando os irmãos. Fizeram conciliabulo, discutiram, riram, exclamaram...

E da sala contigua, onde eu lia, constrictado, as noticias do mussacre fratricida da vespera, ouvi a menina dizer:

— Olha, elle está acordado, mas está morto! Vê só!

Referia-se, de certo, a um dos passaritos. Interrompi a leitura e fiquei-me a pensar na sublime tolice do meu anjinho.

Agora, lembrou-me, no correr desta conversa "à bâtons rompus," e conto-lh'a, para applical-a aos nossos homens.

Depois dos quarenta, em quanto não adormecem no somno definitivo do nada, continuam todos acordados, sim, porém mortos.

Os que fazem excepção é só para confirmar a regra.

Por isso, já vou, como V. considerando-me velho, e não terei nenhuma surpresa no dia em que me incluirem na "geração passada," embora seja amanhã esse dia.

Quer ver outra prova?

Entre a data de transferencia e consequente suspensão da SEMANA e seu resurgimento mediaram sómente seis a sete annos. Pois bem; quasi todos os escriptores que então a illustravam com os seus trabalhos não voltaram agora.

Perderam o gosto, a vontade e o habito de escrever; cançaram; matou-os o fastio.

Não lhes decresceu o talento, não pararam, muitos, de ler nem de acompanhar o movimento das letras; não, porque estão acordados; mas extinguiu-se-lhes a "vis scribendi," estancou-se-lhes a productividade; — envelheceram todos, morreram alguns.

Quer outra prova ainda? A reputação que me fizeram, e de que, aliás, me orgulho, de grande trabalhador, de escriptor incançavel, de intrepido paladino das letras, etc.

De que me vem ella? Só do facto de eu ainda não haver deixado oxydar a penna, de continuar escrevendo, pouco embora, mas ininterruptamente, e, sobretudo, de haver tido a coragem de levantar novamente A SEMANA.

Tudo isso é pouquissimo; porém neste meio de desanimo facil, cansaço rapido e velhice prematura, avulta e parece enorme!

Como é lamentavel, isto!

E terá remedio esse mal?

Duvido bem. O analfabetismo continua alastrador e daninho como lirica... Os politicos republicanos, na faina de subir e mandar, no prurido de "desnonarchisar" tudo, virando tudo do avesso, fazendo o opposto ao que se fazia, têm descuido completamente as letras, desde as primarias ás superiores.

E' de estimulo, só de algum estimulo que ellas precisam para florescer e fructificar.

A Constituição retirou do congresso a faculdade de legislar sobre instrucção primaria, que passou á competencia dos Estados, como natural consequencia do regimen federativo. Não obstante, creio que alguma cousa, para não dizer muita, pode fazer o Congresso Nacional pela instrucção primaria e professional, indirectamente, e pelas letras brasileiras — directamente, instituindo premios a obras, subvencionando um thea-

tro para representar peças brasileiras, autorizando o governo, mediante parecer de competentes, a editar livros e a comprar parte de edições, a tomar certos numero de assignaturas de revistas scientificas e litterarias (*) etc...

Agora reparo que vai se alongando em demasia esta primeira palestra... Fica muito por dizer. Dil-o-ei de outra feita.

Accete os meus sinceros agradecimentos, desculpe o desosido destes dizeres familiares e aperte a mão que lhe estende do seio de Marte — de Abrahão outr'ora — o seu

Admirador e amigo,

VALENTIM MAGALHÃES.

LYRICA

Oh noite branca, oh noite clara

Noite banhada de luar!

Dá-me essa luz preciosa e rara,

Para pintar, oh noite clara!

A limpidez de seu olhar!

Astros do azul — estrellas d'oiro! —

Astros da terra — alvos diamantes! —

Dá-me esse brilho immoedoiro,

Para imitar, estrellas d'oiro!

Seus grandes olhos deslumbrantes:

Oh luz sangrenta da alvorada,

Manhã de Abril toda esplendor.

Dá-me essa cor purpurisada,

Oh luz sangrenta da alvorada!

Para fingir o seu rubor!

Garças de pennas como arminho!

Lyrrios alvissimos de neve!

Dá-me essa alvura cor de linho,

Garças de pennas como arminho!

Para traçar-lhe o corpo leve!

Passaros meigos e maviosos,

Dóces e alegres rouxinões!

Vossos gorgolios harmoniosos.

Dai-me, oh passaros maviosos!

Para cantar-lhe a argentea voz!

Treva cahotica e profunda,

Treva de amargos pesadelos!

Dá-me o negrão que te circunda,

Treva cahotica e profunda!

Para esboçar os seus cabellos!

Porque ella — a deusa que me encanta —

Ella, — a visão de meu amor —

E' mais perfeita que uma santa!

Porque ella — a deusa que me encanta —

E' mais formosa que uma flor!

FARIA NEVES SOBRINHO.

Recife.

GAZETILHA LITTERARIA

Pertence a poesia inedita de Gonçalves Dias com que hoje brindamos os leitores á valiosa collecção de autographos do distincto advogado Dr. Sá Vianna, que teve a gentileza de nos offerecer uma copia.

Essas ligeiras quadras foram escriptas em uma das paginas de um album de illustre dama.

Temos repleta de collaboração a gaveta dos originaes.

Quasi tudo é verso. Prosa escassa e... má, em geral.

Aos nossos amaveis collaboradores pedimos desculpa da demora na publicação de seus trabalhos.

Como são muitos, é preciso proceder equitativamente, de modo a não desgostar ninguém.

(*) A magnifica "Révue Encyclopédique" traz á margem da capa a seguinte declaração: "La Révue Encyclopédique a été honoré d'une souscription du Ministère des Travaux Publics."

V. M.

Acha-se bastante adeantada a impressão do livro do nosso collaborador Pedro Rabello — "Opera Lyrica." Será prefaciado por illustre escriptor, tão illustre quanto desconhecido, e chamado, se não nos enganamos — Manoel Alves.

Na "Gazeta de Noticias" estavam sendo publicadas umas "Cartas Litterarias," firmadas pelas iniciais "C.A." que não sabemos a quem pertencam. (Serão do Sr. Adherbal de Carvalho, do Sr. Constancio Alves, do Sr. Capistrano de Abreu ou do Sr. Cesario Alvim?) São conceituosas e bem lançadas. Começaram fazendo a apologia da "Normalista," do Sr. Caminha, defendem o Naturalismo, choram sobre a Jerusalem das nossas miserias litterarias e propõem-se a demonstrar que os nossos novos litteratos não valem dez réis de mel coado. Vamos lá a ver isso.

BOTANICA AMOROSA

IV

A tarde cahia serenamente.

Unidos, quasi abraçados, seguimos através da floresta em busca da "Aristolochia", quando ella, parando subitamente e voltando para mim o seu rosto mimoso banhado pela luz branda do sol poente, inquiriu:

— E as plantas carnivoras são todas terrestres?

— Não, minha amiga, ha algumas aquaticas, como a "Aldrovandia" e a "Utricularia", essa linda utricularia que emerge as suas bellas flores amarellas na superficie dos pantanos do antigo e do novo mundo e cujos ascidios são semelhantes ao covão de que o pescador se serve para apanhar peixes.

— Então, essas são "piscivoras"?

— Precisamente, porque, em vez de insectos, caçam e alimentam-se de peixes, entre os quaes os pequenos "lenciscos" recém-nascidos, que são as victimas de preferencia cobiçadas pela utricularia. Esabes quem mais e melhor estudou a organização especial desta planta piscivora? Foi uma mulher de New Jersey — Mme. Treat — uma americana, certamente menos formosa que tu, mas...

— Provavelmente muito mais intelligente, curiosa e sabia, accrescentou ella, sem me dar tempo de concluir a phrase.

— Nem mais intelligente, nem mais curiosa do que tu, minha feiticeira musa; apenas um pouco mais sabedora dos segredos da natureza, que só agora começa a surprehender em todo o seu encanto dulcissimo.

— Lisongeiro...

— Mas voltemos ao nosso assumpto; a "Aldrovandia" é uma planta sem raizes e isto te prova, minha gentil Chloë, que a planta carnivora póde prescindir dellas para viver, porque a sua principal alimentação é-lhe fornecida pelas folhas ou pelos ascidios. E se considerarmos que os adubos azotados ou de natureza animal são indispensaveis á perfeita nutrição de todas as plantas, quer tenham, quer não tenham raizes, havemos de concluir fatalmente que todas as plantas são mais ou menos carnivoras, com a differença unica de que umas o são pelas raizes e outras pelas folhas ou pelos ascidios.

— Tens razão, disse ella pensativa e seguindo o quer que fosse, que a sua

imaginação desenhava; nos cemitérios as plantas são em geral mais vigorosas e mais vivazes do que nos campos incultos ou nos charnecos olvidados do arado. Lembro-me que em torno á sepultura de minha mãe enredava-se pelo gradil uma roseira que eu ali plantara rachítica e que se tornara viçosa e forte, dando rosas o anno inteiro. Um dia, esse cemitério foi abandonado e, desde então, a roseira só deu flores na primavera. E' que começou a minguar-lhe, a faltar-lhe o adubo, a carne, isso que tu chamas a substancia azotada, não é?..

— Exactamente, minha intelligente e aproveitada discipula. E, assim, tu vês que essa roseira era tão carnívora como a terrível "dionéa" que te descrevi, com a differença de absorver o azoto pelas raízes, quando a "dionéa" o absorve pelas folhas. E é porque todas as plantas são carnívoras que nós podemos explicar as transformações tão diversas, essas infinitas modificações da eterna materia, que constituem o maravilhoso conjunto do equilibrio natural e universal. A morte não existe; porque a materia não morre; modifica-se, transforma-se, mas vive sempre. O que hoje era um musculo, um coração palpitante de amor, será amanhã uma dhalia, um raymusculo, um cedro, que de amor palpitante igualmente; e a sabonosa alcachofra, que já estremeceu de lascívia ao contacto do pollen e que tu sorves com os teus labios divinos, nos nossos deliciosos "tete-a-tete," transforma-se dentro de ti na molecula animal, que dá o impulso ao sangue que circula pelo teu corpo airoso. Nada disso morreu; tudo isso apenas se transformou.

— Ella deixou-se mergulhar n'uma doce scisma e, após algum tempo de silencio, disse:

— Estava a imaginar o desespero, a terrível angustia desses pobres animaes aprisionados pelos lóbos da "dionéa."

— Mas, nem sempre a planta triumphava, minha querida; ás vezes, quando o insecto aprisionado é um coleoptéro vigoroso e alentado, estabelece-se a luta entre o animal e a planta e, não raro, succede que aquelle, com as suas mandíbulas potentes, consegue roer um dos lóbos que o comprime e reconquista a liberdade pelo rombo que faz.

— Darwin presenciou alguns desses combates em que o animal venceu a planta.

Continuavamos o nosso passeio atravez da floresta, tagarelando sempre sobre estas cousas interessantes, quando subitamente eu lobriguei, a dez passos de nós, a curiosa "jarrinha" da "Aristolochia", que procuravamos, a qual pendia do galho espinhoso de uma payneira anã. E, não podendo conter a explosão do meu contentamento, abracei triumphalmente a minha doce companheira e disse-lhe:

— Eil-a, a tão desejada "aristolochia".

Ella, pressurosa, desembaraçando-se dos meus braços, correu em direcção á arvore por cujo trouco subia a graciosa trepadeira e colheu o ascidio.

E, antes que eu tivesse tempo de dizer algo, mordida por uma curiosidade impetuosa e invencível, levantou o operculo foliaceo que encapuchava o gargalo da urna e começou a examinar o ascidio minuciosamente.

— Cá estão os pellos, dizia ella tremula de prazer; é por aqui, por entre esta trama de farpas flexíveis que o pobre insecto atravessa e vai ao interior da urna atrahido por este cheiro de carne

putrefacta que o ascidio exhalla e que eu já sinto tambem. Como tudo isto é interessante e curioso! E o que haverá aqui dentro.

— Provavelmente alguns insectos moribundos ou mortos e quiçá alguns no auge do desespero pela liberdade perdida.

Com a ponta da sua unha rosea e afilada ella fez uma incisão quadrangular no bojo da "jarrinha" e por essa janella improvisada o nosso olhar prescreitou o interior da urna.

Effectivamente, no fundo do ascidio jaziam cinco moscas mortas, uma infinidade de mosquitos estonteados e os restos de um pequeno nevroptéro já devorado pelo ascidio e do qual apenas existiam as partes corneas, isto é, as azas, as antenas, as pernas e uma parte da couraça do thorax.

— Eis ahi, disse eu, as victimas da voracidade da "Aristolochia"; entraram no ascidio para comer e foram comidos. E, assim, pagaram o seu tributo á planta que na execução da lei universal da "luta pela vida", subjugou o mais fraco.

— E' bem tristemente verdadeira essa lei, murmurou ella, evoluendo o ascidio na cambráia do seu lenço rendado.

As sombras do crepusculo começavam então a escurecer a matta. Consultei o meu relógio e vi que eram seis horas da tarde.

Regressamos. Em caminho ella avistou uma bromelia rubra que florescia na bifurcação de dous galhos de uma velha arvore.

— Que linda parasita! exclamou ella apontando para a bromelia.

— E' um engano teu, minha Chloé gentil; aquella planta, que ali vês, não é uma parasita, é simplesmente uma planta epiphyta, que fixou a sua morada nos galhos desta arvore, mas que absolutamente lhe não rouba a seiva, porque se alimenta do ar, da humidade e do humus, que encontra na casca apodrecida da velha arvore. Se a arvore morrer, ella continuará a viver.

— E' muito commum entre nós dar-se errada e injustamente o nome generico de "parasitas" a todas as plantas que habitam sobre as outras. A orchidea é uma victima dessa inconsciente calumnia do vulgo e como a orchidea todas as bromelias e todas as plantas epiphytas.

— Fica sabendo que, felizmente, poucas são as plantas parasitas.

— Pódes citar-me algumas que eu possa conhecer?

— A "Cuscuta Americana", vulgarmente conhecida pelo nome de "cipó chumbo", que no jardim do teu ninho amado devora os lindos "bibiscus" ou "mimos de venus" e tambem a "herva de passarinho", que se enreda pelas laranjeiras do teu pequeno pomar, são verdadeiros parasitas, porque se alimentam da seiva das plantas sobre as quaes se fixam; são os polvos do reino vegetal porque sugam a seiva já elaborada das outras plantas, introduzindo as ventosas das suas raízes através as fibras do tronco ou dos galhos e fixando-as junto aos vasos por onde circula a seiva.

— Por essa fórmula, o parasita acaba por matar a planta sobre a qual se fixa.

— Quasi sempre. Como no reino animal, o parasita vegetal vive ociosa e regaladamente sem trabalho, exclusivamente á custa do trabalho alheio. Despreocupadamente o parasita vai sugando a seiva da sua victima e á custa della engordando-se e alentando-se. Mas,

quando a victima, já exhausta, morre, o parasita tambem succumbe á mingua de alimento. Tal cousa não acontece com a planta simplesmente epiphyta, que continúa a viver, muito embora morra a outra sobre a qual fixou a sua morada. Eis ahi a differença que vai de uma epiphyta a uma parasita; e assim ficas habilitada a defender de ora avante estas lindas bromelias e orchideas tão continuamente calunniadas com a infamante designação de parasitas e que para demonstrarem que o não são basta-lhes viver, como vivem, agarradas a um fragmento de galho ou tronco morto, a uma pedra, a uma simples taboa e á calíça de uma parede onde absolutamente não circula nem póde circular a seiva.

— Meu bom amigo, disse-me ella apossada de uma alegria infantil; comecei hoje a aprender a ler no grande e interessante livro da natureza e quem me ensinou os primeiros rudimentos deste maravilhoso compendio foste tu, meu adorado Daphnis.

Quero agradecer-te a lição e sobretudo o desejo, a vontade que em mim despertaste de estudar estas cousas tão lindas, tão curiosas e tão uteis. Mas, com que moeda poderel eu pagar-te um serviço tão valioso?

— Com a satisfação que leio nos teus olhos; com o prazer que inunda a tua alma boa; com a gratidão que reanima as tuas palavras e com este aperto de mão confidente e terno, que começou com o nosso passeio e que ainda não terminou até agora.

— E isso só te basta?

— Minha querida Chloé, a noite começa a cahir e é chegado o momento em que as plantas procuram no somno o descanso do labor do dia. Deixemol-as tranquillias; ellas precisam de repousar e dormir e a nossa tagarelance perturba-as.

— Mas, como!? As plantas tambem dormem?

— Sim, minha doce amada; e a prova aqui a tens nesta payneira, que ainda esta manhã, quando por aqui passamos, tinha as suas folhas erectas em presença da luz solar e que, agora, as tem pendidas para o chão, na doce languidez de quem sente a approximação da noite e reconhece a necessidade do socego e do somno.

— A payneira val dormir e, como ella, a floresta inteira dormirá tambem. Saíamos daqui silentes, deixemos estes bons vegetaes entregues ás delicias do somno e façamos votos para que sonhos lindos e ridentes os visitem durante a noite. Quanto a nós, voltemos ao teu ninho amado e ali, á luz brilhante do gaz, poderemos, se tu quizeres, continuar a discorrer sobre estas cousas que tanto prazer te causam.

— Vamos, disse-me ella encostando a sua cabeça ao meu hombro; vamos falar ainda destes idyllios risinhos, mas não á luz brilhante do gaz; eu prefiro a penumbra cariciosa da meia luz velada, quasi no escuro. Assim a tua voz mascula e convincente me parecerá mais harmoniosa e eu não me pejarei tanto de apertar tão a miúdo as tuas mãos nas minhas, nem de pousar os meus labios nos teus. Vamos.

E como Daphnis e Chloé — os zagaes de Lesbos — que Longus immortalisou no seu poema divino, deixamos a floresta e penetramos na estrada, tangendo para o aprisco demoradamente o rebanho saltitante das nossas cariclas e dos nossos insaciaveis desejos.

Quando chegámos ao ninho amado, ella ainda me fallava amorosamente nas nupcias ardentes da "Valloneria Spiralls", mas, mela hora depois, no tepido aconchego da sua camara elegante e perfumada, a botânica era esquecida, porque os beijos de Chloé abafavam as palavras de Daphnis.

GARCIA REDONDO.

FERRO EM BRASA

A um infame

Tens actos, baixa e immunda creatura,
Revellam tanta rabida maldade,
Uma alma tão pequena e tão impura,
Que menos odio inspiram que piedade.

Exuda ás vezes agua a pedra dura,
E ao fundo de um abysmo ha claridade;
Mas não existe laivo de bondade
Nessa tu'alma fria, pétrea, escura...

Vives do mal como um réptil do lodo;
E em lodo has de afogar-te, mudo e triste,
Sem um amigo só no mundo todo!

Que me reñro A TI tenho a certeza
Que adivinhas, pois sabes não existe
Outro homem tão vil de natureza.

1893.

V. M.

NOTAS SCIENTIFICAS

Para conhecer-se o valor moral e intellectual d'um individuo por meio dos traços physionomicos são necessarios dous processos aparentemente antagonicos—o instincto e a observação. Taes processos, porém, completão-se mutuamente.

A primeira impressão que nos assiste quando encaramos qualquer pessoa é a de um sentimento involuntario, Inconsciente, de sympathy ou de antipathia. A attracção que um homem experimenta por outro deriva-se menos da reflexão do que dum sentimento primitivo, irreflectido, denominado instincto, que tem o seu maior desenvolvimento na criança e no selvagem. A noção instinctiva que faz perceber á criança os sentimentos de sua mãe por meio da physionomia, é o resultado de numerosas observações inconscientes.

São essas observações que ligam o sentimento e a expressão correspondente, e que acabam, entre nós, no estado do instincto que nos permitta julgar immediatamente das qualidades moraes do individuo.

D'ahi resulta que, como para a observação, um instincto requer, para ter grande desenvolvimento, um systema nervoso sensível, facilmente impressionavel, uma organização completa e delicada, como a que possui um homem dotado de excellentes faculdades.

Por mas util, porém que seja a observação instinctiva, ella não nos conduzirá a resultados completos si não aperfeiçoarmos pelo exercicio as nossas faculdades observadoras, como fazemos com os outros habitos. E' indispensavel estimulal-as, porque do contrario estaremos sujeitos a erros medonhos. E' assim que algumas vezes julgamos que um individuo possui excellentes qualidades moraes por que sua physionomia é bella, ou que elle é perverso por ser feio.

O caracter individual sendo a resultante das lutas que o homem mantem

com as paixões que o excitam, é claro que si o individuo não reage contra tudo o que o agita, nenhuma nota dominante terá desenvolvimento no seu caracter. O homem mediocre não é nem bom, nem máo, nem forte, nem fraco, nem ardente, nem frio: não inspira nem sympathy, nem odio. E' ardente sem amor, nem entusiasmo, activo sem paixão. Seu caracter é uniforme, a egualdade nivella tudo o que elle assimila.

A mediocridade tem, entretanto, na ordem de criação, um lugar perfeitamente definido e importante.

A physionomia do homem mediocre tem o caracteristico de negação. Nada se encontra de saliente, a insignificancia é completa e a impressão que nos deixa um individuo dessa ordem é a da maior indiferença.

A mediocridade concorre principalmente com a belleza uniforme dos traços, coincidindo coma falta de fundo; a fórma é igual assim como o espirito: parece-se com o bello papel que só tem valor pelas idéas nelle escriptas.

"Ha belleza insupportaveis, disse Stahl, e que, embora Incontestaveis, longe de attrahir repellem. São as que não tem o brilho da intelligencia, d'um sentimento. Ha quasi sempre uma ou duas dessas bellezas num salão. São como que esmaltadas; tem olhos estupidos que parecem comprados aos tureos. Vendendo-se-as pensa-se logo em alexandrinos correctos, mas sem sabor. E em pouco fica-se fatigado de as ver como succede quando se contempla por algum tempo os eysnes nadando. São magnificos para cinco minutos, mas passados estes prefere-se ver patos porque ao menos estes têm vida."

A mesma cousa dá-se com a criança. Quando a sua physionomia permanece em estado de repouso é impossivel descobrir-se um traço caracteristico, e só aos trinta annos é que a vida intellectual e moral póde deixar transparecer algum traço. Os nossos attributos moraes, nossas paixões, os movimentos d'alma, traduzem-se mais nas partes flacidas e moveis de physionomia do que nas porções fixas: todas as emoções só são percebidas pelos phenomenos passageiros da expressão do semblante, dos gestos, da voz etc. A intelligencia de taes movimentos fica confiada a um sentimento instinctivo que nos permite descobrir a significação dessas expressões.

A coragem e a presumpção reconhecem-se pela posição direita do pescoço, cabeça erguida e pelo olhar frio, lançado sobre tudo e sobre todos.

A modestia e a discrição, ao contrario, fazem abaixar a cabeça, os olhos, e diminuir o volume da voz, evitando assim todo o movimento que possa attrahir a attenção.

A lealdade a franqueza procuram o caminho direito, a voz conserva sempre o mesmo tom, o gesto franco, desembaraçado e acompanhado por um olhar aberto, tranquillo, invariavelmente fixado no interlocutor. Na falsidade e na trapaçaria o olhar fixa-se sómente de modo rapido e precipitado e só depois de longo exercicio é que o homem falso consegue veneer a incerteza da contracção dos musculos da face, e a dar aos traços incolores a expressão de firmeza e de fixidez.

Conhecem-se os traços duma natureza maldosa, e cruel, dum espirito mesquinho, ou violento, pela voz curta e breve, pela palavra contradictoria, que sempre

tem um desmentido a oppor aos argumentos serios. Nesta disposição de espirito a physionomia é dura, de forma triangular, o queixo é largo, os olhos pequenos, vivos e, no entanto, sem expressão: o movimentos dos labios breves e convulsos fazem com que a physionomia adquira uma expressão de mímice parecida com um sorriso, mas isolada porque nenhuma expressão dos olhos vem corroboral-a. O odio e todos os vicios que reinam no homem fazem ficar estampados na sua physionomia os traços da luta que elle sustenta continuamente. E d'ahi a permanente expressão da tristeza, e a falsidade de seu olhar.

Finalmente todos os attributos moraes têm a suas caracteristicas particulares, embora rapidas, mas sempre bem accentuadas. A intensidade de sua expressão varia segundo o desenvolvimento de cada um dos attributos, como tambem cedendo ás influencias momentaneas mais ou menos poderosas do meio que reage sobre o individuo.

S. SHACK.

(La Physionomie).

A SEMANA

Continuando sua primitiva maneira de ser, e para em tudo respeitar as tradições da folha, concedemos aos Srs. assignantes quites com ella, mas só a estes, as seguintes vantagens:—a) fazer á folha uma consulta medica ou juridica por mez; b) fazer-lhe perguntas ou pedir-lhe informações sobre qualquer assumpto. Tanto aquellas como estas serão respondidas com a maxima presteza, em ordem chronologica e do modo mais satisfactorio que nos for possivel.

O serviço de consultas gratuitas foi introduzido na imprensa brasileira pela "Semana" e é uma vantagem de grande valor para o assignante, por poupar-lhe algumas dezenas de mil réis no anno.

Como as respostas ás consultas são dadas pelo correio, só serão respondidas as que vierem acompanhadas dos respectivos sellos.

Roga-se aos Srs. assignantes o favor de indicar, sempre que possam, o numero de seu recibo quando hajam de consultar-nos.

O SONETO DE MOLIÈRE

Do soneto "La mort du Christ," attribuido a Molière, e por nós publicado em o n. 7-8, recebemos dez traducções.

Para julgal-as, decidindo qual a melhor e que devia receber o premio, escolheu o nosso director os illustres poetas Raymundo Correia, Olavo Bilae e Augusto de Lima, que, por feliz acaso, encontram-se reunidos em Ouro Preto.

Publicamos em seguida a especie de acta ou auto de julgamento humoristico firmado pelos nossos amigos, e no qual é considerada a traducção mareaada com a letra c como sendo a "menos má" das dez.

Respeitando absolutamente, como nos cumpre, a decisão do jury por nós eleito, é ao autor dessa traducção, o Sr. Silvestre Mineiro que daremos o modesto premio — uma obra illustrada de Molière; com tal fazer não queremos, todavia, significar approvação absoluta do modo por que foi julgado o concurso. Para que os leitores possam avaliar da

maior ou menor justiça da decisão, publicamos hoje, com o soneto francez, as dez traducções que delle nos foram remettidas, certas de que entre ellas hão de achar algumas a que não se podem applicar as expressões fulminatorias do auto de julgamento sem excessivo e descabido rigor.

Ha entre ellas algumas pessimas, outras más, mas tambem ha duas ou tres... soffríveis, pelo menos.

Os leitores, porém, que julguem.

Só nos resta agradecer aos illustres poetas, que outr'ora nos honravam com a sua preciosa collaboraçã, — favor de que A SEMANA acaba de mostrar não se haver esquecido — a gentileza com que se dignaram de aceitar a nossa incumbencia e a solicitude com que della se desempenharam.



Outro Preto, 24 de Novembro de 1893.

Concurso poetico d'A SEMANA

Traducção do soneto LA MORT DU CHRIST, de MOLIÈRE.

Nós abaixo assignados, membros do tribunal nomeado pela SEMANA para julgar das traducções que do bello soneto de Molière nos foram enviadas em numero de dez e designadas por letras de A até J, vimos por esta apresentar ao illustre redactor d'aquella folha o nosso julgamento. Começamos por dizer que nenhuma das traducções pôde ser justamente classificada pelo seu merito, pois que nenhuma d'ellas é bon, ou, melhor dizendo, todas ellas são más. Como, entretanto, o distincto amigo redactor d'A SEMANA nos pediu que classificassemos tres das traducções, pelo menos, se possível fosse, cumpre-nos confessar-lhe que, apezar de toda a nossa boa vontade, só nos foi possível dar menção honrosa á traducção designada sob a letra C, unica e simplesmente, entre as demais.

Tenham paciencia os outros traductores: se não damos aqui as razões porque repellimos os trabalhos com que concorreram é só porque para isso teriamos de transcrever os seus versos, com o que offenderiamos, atormentariamos, horrorisariamos, etc., os ouvidos dos leitores da boa SEMANA. Não sabemos se com os versos de C produziremos o mesmo effeito. Em todo o caso, lá vão elles com o respectivo grifho em duas expressões só de arripiar defuntos:

.....

 a lei do triste officio.

 de Deus a regalia,
 etc., etc., etc.

AGOSTO DE LIMA.
 OLAVO BILAC.
 RAYMUNDO CORRÊA.

La Mort du Christ
 MOLIÈRE

Lorsque Jésus souffrait pour tout le genre hu-
 [main.
 La Mort, en l'abordant au fort de son supplice,
 Parut tout interdite et retira sa main,
 N'osant pas sur son Maître exercer son office.

Mais le Christ, en baissant la tête sur son sein,
 Fit signe a la terrible et sourde exécutrice,
 Que, sans avoir égard au droit du souverain,
 Elle achevat sans peur le sanglant sacrifice.

L'implacable obéit, et ce coup sans pareil
 Fit trembler la nature et palir le soleil,
 Comme si de sa fin le moud eut été proché.

Tout gémit, tout frémit sur la terre e dans l'air:
 Et le pécheur fut seul qui prit un cœur de roche,
 Quand les roches semblaient en avoir un de chair!

TRADUCÇÕES

A Morte do Christo

A

Quando Jesus soffria pelo genero humano,
 a morte, approximando ao aspero supplicio,
 a turba assistia ao spectaculo insano,
 sem onsar exercer sobre seu mestre o officio;

porém o Christo abaixa os olhos sobre o vicio,
 —fazendo um signal ao vulgo deshumano,—
 ordena com o olhar de nobre e soberano,
 terminasse o feroz, sangrento sacrificio.

A ordem tão fatal a multidão obedece.
 Treme a natureza e o sol empalidece
 como si o fim do mundo o bom Christo encarne.

No ar, na terra, em tudo o pranto apenas medra,
 só o peccador pediu um coração á pedra,
 quando a pedra tinha um coração de carne.

B

Quando Jesus soffria pelo genero humano,
 A Morte, apparecendo-lhe no auge do supplicio,
 Pareceu stupefacta e da mão susteve o damno.
 No senhor não ousando exercer o seu officio.

Mas o Christo, baixando a fronte ao seio lhano,
 A' executora surda e cruel deu o indicio,
 Para que, não obstante o poder do soberano,
 Sem medo ella acabasse de sangue o sacrificio.

A implacavel subnette-se: tal golpe singular
 Fez tremer a natura e o sol se annuiar,
 Qual se do fim o mundo tão perto andara então.

Tudo gemeu na terra e no ar tudo rangeu,
 De rocha o peccador só teve um coração,
 Quando de carne as rochas mostravam ter o seu.

C

(SONETO PREMIADO)

Chegando-se a Jesus, quando este padecia,
 Em bon da humanidade, as ancias do supplicio,
 Attonita ficou a Morte, que temia
 Appliar ao Senhor a lei do triste officio.

Mas Jesus, com a fronte a descalhir, fazia
 A' cruel segadora um gesto que era indico
 De que, não tendo já de Deus a regalia,
 Almejava apressar aquelle sacrificio.

A Morte obedeceu então, e de surpresa,
 Logo o sol desmalou, tremeu a natureza,
 Qual si tudo do fim se fosse approximando.

Tudo na terra e céu gemia e vacillava:
 Como que a pedra tinha um coração chorando;
 Só, coração de pedra, o homem não chorava!

D

Jesus soffria pela Humanidade, quando
 Veio a Morte e, do deus á tortura cruenta,
 Indecisa ficou, a atra mão retirando,
 Sem nelle ousar cumprir sua missã odienta.

Mas sobre o seio o Christo a cabeça inclinando,
 Mandou que a executora, audaz e luctulenta,
 —O seu poder divino, em fim desrespeitando,—
 Sem receio acabasse a tarefa sangrenta.

E ao vibrar-lhe a impiedosa o seu golpe perverso,
 O astro-rei desmaiou, tremeu toda a Natura,
 Qual se chegasse ao fim nesse instante o Uni-
 verso...

Tudo chorou na terra! os espaços gemiam!...
 Só o impio um coração mostrou de pedra dura,
 Quando as pedras ter um de carne pareciam.

E

Quando, para remir-nos, Jesus tudo soffreu,
 a Morte o enfreadando no cumulo da dôr,
 extatica parou, e, em horrido pavor,
 o golpe desviou, que nem o offendeu.

O bom Christo, porém, a fronte a fim pendeu
 e a Ella, dos destiuos cruel executor,
 bradou: que bem t'importa eu seja o Salvador?
 E a Morte impiedosa o braço lh'estendeu...

Ante a ruez do golpe, tremendo, erá, sem par,
 a Terra extremeceu, o sol se retrahiu,
 como si prenuncio do mundo se acabar.

A natureza inteira e o céu, tudo ruiu!
 E quando em rocha o homem buscou se transfor-
 a rocha um coração de carne ao céu pediu. [mar

F

Pregado estava o Christo á cruz que nos saltou;
 Approximou-se a Morte e, no auge do supplicio,
 Pareceu hesitar e o braço retirou,
 Temendo praticar o seu nefando officio.

Mas Jesus, a cabeça inclinando, acenou
 A' executora atroz para que, sem flagicelo
 Contra o filho de Deus, que Deus nos enviou,
 Pudesse consummar o negro sacrificio.

Dando um tremendo golpe, a Morte obedeceu.
 Abalou-se a natura, e o sol empallicou,
 Qual se proximo fosse o termo deste mundo!

Tudo, tudo gemeu na terra e na amplidão;
 Sómente o homem mostrou ter do peito no fundo
 Uma pedra, e na pedra arfava um coração!

G

Quando Jesus soffrendo a redimir-nos veio,
 A Morte, a farejar-lhe o agror do atroz supplicio,
 Pasina, recolhe a mão, vencida pelo enleio,
 Não ousando no Mestre exercitar o officio.

Mas o Christo, pendida a fronte sobre o seio,
 Acena á excentriz do intermimo flagicelo
 Que, sem respeito ao rei e sem nenhum receio,
 Consumme o colossal, sangrento sacrificio.

A implacavel vibrou o golpe atterrador.
 Tremeu a natureza, o sol perdeu a côr,
 Como se o mundo fosse a tombar no infinito.

Tudo gemeu, fremiu na terra e na amplidão:
 Só o homem teve então coração de granito
 Quando a rocha mostrou humano coração.

H

Quando Jesus soffria, immerso em negro pranto,
 A fim de redimir a humanidade inteira,
 A Morte, ao acerar-lhe o madeiro santo,
 Recuo, sem que chegar ousasse á sua beira.

Mas, Christo, exaustos já, porque soffresse tanto,
 Accusou co'a cabeça á triste mensageira,
 Que não lhe respeitasse o poder sacrosanto
 E sem medo lhe desse a pena derradeira.

A cruel obedeceu e quando elle morria
 A terra estremeceu, tornou-se negro o dia,
 Tal como si estivesse o mundo p'r acabar.

Tudo gemeu, em céos e terra, tremeu tudo:
 Só o coração ficou, aos homens, pétreo, mudo,
 Quando par'cia até nas rochas um pulsar!

I

Quando, por uos remir, Jesus—o bom—soffria,
 A Morte juncto no poste infame do supplicio
 Apparece hesitante, e retira a mão fria
 Não ousando exercer no Mestre o negro officio.

Christo, porém, ao seio a cabeça pendia,
 A' implacavel, cruel, dando sublime indico
 De não levar em conta a alta jerarchia,
 Sem temer praticasse o horrendo sacrificio.

Obedeceu a Parca, e ao golpe, sem seguido,
 Treme a natura, o sol, e quanto vive e medra,
 Como si no termo então chegado houvesse o
 [mundo.

Tudo é, na terra, no ar, lucto e desolação:
 Do peccador sómente é o coração de pedra,
 Quando parecem ter as pedras coração.

J

Quando da redempção raiou o sol no espaço
 E em prantos ia Christo quasi moribundo,
 Veio a Morte encontrar o Salvador do mundo
 E, prestes a ferir... recuou... tremeu-lhe o braço!

Mas Jesus, inclinando a fronte no regaço,
 A' Deusa do Terror fez um signal. Profundo
 Golpe ella dá levando o Messias feundo
 A' méta de soffrer. Elle não foge um passo.

Implacavel dever cumpre a Parca e obedece;
 A Natura treme, o sol se empalidece,
 Qual se surgisse o Dies iræ, o sursum corda!

Em toda a Crenção uma elegia medra,
 Só o homem revêla um coração de pedra,
 Quando as pedras têm alma que palpita e accorda.

DESIGNAÇÕES

- Letra A..... Angela das Dôrcs.
- B..... XXX (de Pitanguy).
- C (Soneto premiado) Silvestre Mineiro.
- D..... Henrique de Magalhães.
- E..... Dr. Joaquim José de Carvalho.
- F..... Arthur Azevedo.
- G..... Silva Ramos.
- H..... Brito Mendes.
- I..... Domingos de Castro Lopes.
- J..... Gil Petit.

PAGINAS LIDAS

A Victor Silva

Morria no ar pesado do ambiente o lampejo esvoaçante de uma grande estrella. De tudo, de todos os objectos se evolava esparsamente, como n'uma irradiação, o perfume subtil do teu fidalgo luxo, requintado pelo teu sangue da nobreza real dos solares antigos.

A luz cantava nos candelabros de ouro, orchestrava-se, vasando pelas transparencias dos crystaes rutilantes, como um vinho delicioso que se bebe com ruido.

A tua "chinoiserie" fina e escolhida, destacava clara nos pequeninos nichos, realçando a finura artistica do teu apurado gosto.

E tudo n'um unisono somnolento e longo, vibrava, n'uma dolencia de violinos, a ballada fugitiva da tua mocidade apagada.

Sonhaste... Certo uma visão do passado. Pela tua retina passou desdobrada a tua primeira magua, ou a tua derradeira saudade.

Era o castello, ao longe; por uma noite embalsamada, vias o clarão symbolico do luar que morria, ao sibilar dos teus primeiros beijos.

E que bellos amores! Que lindo que era o teu gentil poeta!... Era só para elle que vivias, deliciosamente soietrando no seu labio a oração sagrada dos bellos medrosos.

E o castello lá estava erguido e sisudo na sombra, como um poema de pedra...

Sonhavas. Tiveste sorrindo a emoção transcendente de um noivado ao luar. Diaphana, com um leve traço de deusa, de uma tenuissima nuvem, nascias para os esponsaes celestes. Uma turba infundavel de anjos, faziam-te uma viactea, e, serena, do azul setinoso do céu, vinhas singela e calma, entre flores e beijos; solto o longo e leve cabelo louro e sobre a fronte aureola luminosa que acompanha as santas.

Sonhavas, e de sonho em sonho, como se vibrasses o arrabil da tua mocidade, desfolhando, nota a nota, n'uma harmonia infinita a flôr vespéral dos teus amores, sentias a cada espreguicamento magoado, a emoção radiosa dos teus dias felizes, onde uma eterna primavera desabrochava o sorriso e emurchecia os pesares.

Era toda a visão dos teus largos amores, todo o espraído vibrar dos teus desesels annos, todo o delicioso florir dos teus encantos de moça.

—Como é bon. sonhar! talvez disesses, quando acordaste n'um sobresalto.

Releste o livro empoelrado do teu riso e da tua illusão e a cada pagina te detiveste como diante de um altar de ouro onde a lagrima vale uma oração.

Choraste; a cada phrase psalmodiavas constricta o "de profundis" da tua crença, e o "requiem" pesado da tua belleza morta.

E rapidamente, como n'um clarão que te illuminasse, viste atravez das lagrimas a bizarra figura do teu mandarim gorducho, de terra-cota, cravando nos teus olhos os olhinhos maliciosos de eterno farcista.

Então, n'um gesto de enfado, como se elle, o pobre do chinezinho te anavalhasse n'uma fina ironia, a te dizer n'um esgare que já não tinhas a frescura suave dos myosotis, esphacelaste-o todo, atrozmente, barbaramente, sobre o mar-more roseo do contador.

E então, desde esse dia, como a vingança trucidante do pequerrucho man-

darim, a cada hora o vês levantado e composto, lepidio diante do teu olhar, a piruetar macabramente, n'uma dansa infernal, a rir de ti n'uma "grimace" apunhalante, desfiando no espaço a mentira risonha dos teus sonhos de mocidade!!

PLACIDO JUNIOR.

Factos e Noticias

Como é sabido, fundou-se em S. Paulo uma escola polytechnica, cuja directoria foi em boa hora confiada ao illustrado Sr. Dr. Antonio Francisco de Paula Souza, que, no desempenho do elevado cargo de Ministro da Industria, deu de si brilhantissima copia.

Para lente da 3ª cadelra do 1º anno (phísica experimental e metereologia) foi nomeado o nosso dedicado e distincto amigo e assiduo collaborador Dr. Manoel Ferreira Garcia Redondo, cuja competência está acima de qualquer elogio.

Tivemos ensejo de ler os prospectos do ATHENEU PAULISTA, um dos melhores collegios de S. Paulo e que tem á sua frente o Dr. Mario Bulcão.

Da leitura dos alludidos prospectos se deprehe de uma boa organização que preside ao collegio, cujo director reúne as melhores qualidades de pedagogo moderno.

A GAZETA DE S. PETERSBUROO disse que no anno de 1892 publicaram-se na Russia 6.588 obras representando 22 milhões e 900 mil exemplares, escriptas em lingua russa, e 2,465 trabalhos em 6 milhões e 100 mil exemplares, publicados em lngoas estrangeiras; importando o total em 9.053 obras, das quaes foram tirados 9 milhões de exemplares. Não estão incluídos nesta conta os trabalhos sobre religião e litteratura popular.

A' redacção d' "O Paiz" e á nossa dirigio a intrepida estacionaria de Angra dos Reis uma carta, em que agradece as referencias feitas á sua pessoa e pede que o producto da subscrição aberta em favor della, reverta em beneficio "daquelles que se batem pela consolidação da Republica e pela felicidade da nação."

Esta subscrição por nós aberta conta apenas as seguintes assignaturas:

"A Semana" 10\$000
Madame R. Amoedo.... 5\$000

Satisfazendo os desejos de D. Julia Cunha, entregámos essa quantia ao nosso digno collega redactor-secretario d' "O Paiz" para que elle lhe dê o conveniente destino.

JOSE' DO EGYPTO cede hoje e por mais alguns sabbados o cothurno (ou sandalia?) de Xenophonte das duzias, que se préza de ser, a um illustre amigo e confrade, modesto como a violeta do bosque, que (Vide a poesia inedita de Gonçalves Dias, hoje publicada) por isso encapota-se no pseudonymo JULIO VALMOR.

Este falso nome não é de certo desconhecido dos antigos leitores da nossa folha, que estão talvez lembrados de

umas suaves e "salerosas" quadras por elle feitas a uma tal Pepa.

Quando eu dormir na eterna noite escura!
Quero embalar-me aos sons de uma viola:
Que cante sobre a minha sepultura
Pepa, a hespanhola...

O nosso homem tem ouvido cantar Pepa, a hespanhola mas não ainda, felizmente, sobre a sepultura delle.

E a prova é que está a encantar os leitores da SEMANA com os primores do seu estylo e a pyrotechnia de sua graça.

JOSE' DO EGYPTO retira-se contente; não vae meditar sobre a fragilidade das cousas humanas; vae cultivar a batata ingleza e applaudir JULIO VALMOR, SUB TEGMINE FAGI.

CHRONICA DO SPORT

Fomos mais uma vez obsequiados pela directoria do Turf-Club, com um convite para a esplendida corrida realzada no domingo ultimo e que constou de 7 pareos esplendidos.

Disputaram-os galhardamente os animaes inscriptos, sahindo vencedores os seguintes:

	1º lugar	2º lugar
1º pareo	Puebla	Brind'Amour.
2º "	Excellence	Blakstone.
3º "	Zut	Ravensburg.
4º "	Connaught	Pluton.
5º "	Teneriffe	Republica.
6º "	Licteus	Coudel. M. Z. Martins.

A poule de Teneriffe rendeu 58\$200 e a de Puebla \$13300, ambas em 1º lugar. Foi uma festa esplendida, bem concorrida e que veio provar mais uma vez o bom gosto da Directoria do Turf-Club. Agradecemos pelo amavel convite.

J. DERBY.

ARCHIVO

Recebemos e agradecemos:

Brazilian Railways their History, Legislation and Development by Chrockatt de Sá. C. E. Inspector-general of Railways.—Este excellent trabalho foi feito para figurar na exposição de Chicago, mas devido ao ministro Limpo de Abreu, que prohibiu a devida impressão, não pode figurar n'aquelle certamen pois quando o illustrado Dr. Paula Souza, successor do ministro Abreu, determinou a mesma impressão não havia mais tempo para ser enviado. E' como dissemos um bom trabalho que muito honra a Inspectoria das Estradas de Ferro e principalmente ao seu digno chefe o Dr. Chrockatt de Sá.

REVISTA INDUSTRIAL DE MINAS GERAES—N.º 2. Interessantissima.

REVISTA PEDAGOGICA, excellent publicação periodica do Pedagogium. N.º 25, 26 e 27.

REVISTA DO INSTITUTO DOS ADVOGADOS BRASILEIROS, tomo XIV, Julho 1893.

RAZÕES FINAES da accção commercial entre a Companhia de Obras Hydraulicas e a Empreza de Obras Publicas.

OS TIROS DA VÓVÓ, polka do nosso amigo C. J.

Temos tambem sido honrados com a visita dos collegas de costume, o que muito agradecemos.

ANNUNCIOS**ESTABELECIMENTO
HYDRO E ELECTRO-THERAPICO**

DOS

Drs. Avellar Andrade e Werneck Machado

115 — Rua Sete de Setembro — 115

Rua da Carioca, 12 e 14

FILIAL EM PETROPOLIS

CHAPELARIA AMERICANA

EM FRENTE A' CASA PASCHOAL

CARVALHO PORTUGAL & C.

133. Rua do Ouvidor, 133

Importação por todos os paquetes

Completo sortimento de chapéus para homens,
senhoras e crianças, guarda-chuvas, bengalas, etc., etc.

Rio de Janeiro

FABRICA ORPHANOLOGICA

DE

FLORES ARTIFICIAES

Ribeiro de Carvalho & C.

RUA DO PASSEIO

Têm sempre um grande e collido sortimento de grinaldas, flores,
etc., etc**PIANOS E MUSICAS
FONTES & C.**

Rua dos Ourives 51

Telephone 1051

RIO DE JANEIRO

O PEDAGOGIUM

13 Rua do Visconde do Rio Branco 13

BIBLIOTHECALaboratorio de Chimica, Gabinetes de Physica
e Historia Natural.**EXPOSIÇÃO DE MATERIAL ESCOLAR**

ESTÁ FRANCO AOS ESTUDIOSOS

Nos dias uteis das 10 horas da manhã ás 3 da tarde

REVISTA PEDAGOGICAOrgão do PEDAGOGIUM. Distribuição gratis aos
Srs. Professores.

ESTA PUBLICADO O 1º FASCICULO DO TOMO V

Dr. R. Fajardo

CLINICA MEDICA

Consultorio, Rua do Hoſpicio n. 22, das 2 ás 4 horas

Residencia Praia do Flamengo n. 96

TELEPHONE 5032

DR. HENRIQUE DE SÁ

CLINICA MEDICO-CIRURGICA

12, RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12

Das 12 ás 3 horas

Dr. Ed. Chapot Prévost

Lente Cathedratico da Faculdade

Gynecologia e Operações

23 — RUA DA QUITANDA — 23

Das 2 ás 4 horas

Reside na Rua Alice n. 3 — Laranjeiras

DR. VALENTIM MAGALHÃES

ADVOGADO

RUA DOS OURIVES N 71

SEGUNDO ANDAR

DE 1 A'S 3 HORAS

DR. VIEIRA SOUTO

Medico e Operador

Especialidade : Partos e Molestias das Senhoras

Residencia e Consultorio :

RUA DOS ANDRADAS N. 6

Consultas de 1 a's 4 horas

Telephone 1138

Papelaria LUIZ MACEDO

64, RUA DA QUITANDA, 64

Importação de papel de todas as qualidades.

Completo sortimento de livros e objectos
para escriptorio e de fantasia.